



Physiologus: a tradução de uma tradição medieval

Bárbara Jugurta de Oliveira Rocha Azevedo ¹

Resumo: Bestiários são uma coletânea de pequenas histórias que descrevem animais reais e imaginários, vegetais e, até mesmo, pedras. Da mesma forma que as fábulas, também apresentam um fundo moral, porém com a diferença de que aqueles veiculam alegorias cristãs que servem como veículos de instrução ética e, do mesmo modo, contribuem para a instrução religiosa. O presente artigo tem como objetivo oferecer, de forma concisa e breve, um olhar analítico de um gênero muito popular durante a Idade Média. Mais especificamente, um bestiário em Antigo Inglês será analisado por possuir algumas características incomuns para o gênero ao qual pertence. Tal bestiário, encontrado no Livro de Exeter, um dos maiores códices ainda existentes da Literatura Anglo-Saxã, possui apenas três entradas de animais, contrastando com as mais de 90 existentes em outras obras do mesmo gênero. Além disso, pretende-se mostrar exemplos de cada um dos animais propostos para citar algumas questões cristãs ali presentes.

Palavras-chave: Animais; Bestiário; Idade Média; Literatura.

Abstract: Bestiaries are compilations of small stories which describe imaginary and real animals, plants and minerals. Having a similar concept to the fables, they also present moral aspects, but they are focused on presenting Christian allegories as means of ethical and religious instructions. This paper has as its main goal to offer in a concise and brief manner, an analytic view of a very popular genre during the Middle Ages. More specifically, a bestiary in Old English will be analyzed for possessing some uncommon characteristics for its genre. This bestiary, which can be found on the Exeter Book, one of the biggest codices of the Anglo-Saxon Literature, has only three animal entrances contrasting with the more than 90 existing ones in same genre works. Furthermore, this work aims to show examples of each one of the animals to mention some of their Christian issues.

Keywords: Animals; Bestiaries; Middle Ages; Literature

¹ Doutoranda em Estudos Interdisciplinares da Antiguidade Clássica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/8637554337597367>

E-mail: babij.azevedo@gmail.com





Introdução

Considerado um dos livros mais populares da Idade Média, o *Physiologus* pode ser entendido, segundo Curley (1979, p. 79), como parte de um folclore que teve seu início em uma época muito antiga, possuindo, porém, uma forte influência na literatura e nas artes até os dias de hoje. É uma compilação de lendas das mais diversas origens que, apesar da suposição de raízes primeiras pagãs, ocupou um lugar de destaque no simbolismo do mundo cristão, após adquirir contornos simbólicos condicentes com o cristianismo.

Derivado da palavra grega *φυσιολογία* (de *ή φύσις*, “natureza”, e *ό λόγος*, “palavra ou razão”), Michael Curley em seu livro *A Medieval Book of Nature Lore* (1979, p. 184), compila uma série de significados propostos por autores como Aristóteles, Cícero e Plutarco, concluindo que seu título deve ser interpretado como “O Naturalista” e que, originalmente, deveria ser reputado como uma referência a uma pessoa, já que a mesma teria se proposto a escrever sobre o mundo natural. Infelizmente, o manuscrito original perdeu-se no tempo e, até onde se sabe, a maioria dos manuscritos de bestiários que sobreviveram foi traduzida a partir de uma cópia latina, garantindo assim uma certa estabilidade nas literaturas em vernáculo presentes naquele continente e tornando-se muito conhecido e divulgado.

Apesar da real autoria, data e origem do manuscrito original em grego ser bastante questionada, Curley (1979, p. 200) afirma que é aceito que a obra foi compilada no Egito, mais precisamente em Alexandria. Sobre sua data, pode-se dizer que ainda é bastante debatida. Acredita que sua circulação teria começado em meados do ano 140 ou durante os primeiros quinze anos do século II; há também uma outra corrente que defende a criação da obra durante o século IV (CURLEY, 1979, p. 220). Outros defendem que a obra teria sido compilada em meados do ano 200 (CURLEY, 1979, p. 246). Por tanta discrepância naquilo que concerne à real data de redação do *Physiologus*, não se pode garantir com segurança quando o mesmo foi composto. Entretanto, sobre a tradução latina, é sabido que era lido no início do século VI, muito provavelmente tendo entrado em circulação na metade do século IV. Contudo, o objetivo deste artigo é comentar apenas, dentre muitos, o manuscrito traduzido para o antigo inglês, que, doravante, será mais pormenorizadamente abordado.

O Fisiólogo, ou *Physiologus Latinus*, muitas vezes, é classificado como o antecessor dos bestiários que lhe seguiriam, e consiste em diversas entradas, especificamente 51, de animais reais e imaginários, plantas e pedras, todas centradas na apresentação de um aspecto moral. Cada entrada é acompanhada do título, de uma pequena história, de onde se podem tirar os aspectos morais necessários, e, às vezes, de uma imagem complementar não totalmente condizente com a real imagem do animal dentro do espaço natural, podendo, destarte, ser um pouco exagerada. A literatura medieval é repleta de alusões à representação dos animais, e o Fisiólogo não é exceção, configurando-se em diversos *corpora* textuais que possibilitam ao estudioso moderno aquilatar melhor a importância e influência das ideias concernentes aos animais na Europa em uma longa





duração, sendo que algumas delas permanecem presentes até hoje na cultura popular. Apesar de ser usado por muito tempo durante a Idade Média, foi somente no ano de 1936, através da pesquisa empreendida por Francesco Sbordone, que estudos mais profundos começaram a ser feitos sobre o texto.

O bestiário

Um bestiário é um gênero literário que consiste em uma coletânea de pequenas histórias que descrevem animais reais e imaginários, vegetais e, até mesmo, pedras, que descendem diretamente do original grego *Physiologos*, mais amplamente discutido nos capítulos seguintes. Da mesma forma que as fábulas, bestiários também apresentam fundos morais, porém com a diferença de que suas interpretações e morais são mostradas através de alegorias cristãs que, além de servirem como veículos de instrução ética e de advertência sobre a vida, também instruem religiosamente para, desta forma, assegurarem uma vida pura e correta àqueles que seguirem seus conselhos. De acordo com Varandas (2006, p. 1), um bestiário organiza-se em pequenas narrativas e cada uma delas divide-se em duas partes: a descrição e a moralização. Tais partes compõem a sua estrutura narrativa, podendo neles aparecer em ordem alternada. A primeira trata-se de uma descrição de determinado ser/criatura ou coisa (chamado em latim de *proprietas* ou *natura*, e a segunda remete à interpretação teológica de sentido simbólico-alegórico, denominado em latim *moralitas* ou *figura*. Normalmente, como menciona Federlin (2004, p. 19) costumam estar tão unidas em seus significados que acabam por perder seu propósito quando lidas ou interpretadas separadamente, e a conexão entre ambas torna-se ainda mais forte quando há a presença de uma imagem.

Nos bestiários, os animais tornam-se protagonistas das narrativas e assumem o papel de *exempla*, como explicado por Varandas (2006, p. 1), ou seja, “tornam-se símbolos de vícios ou virtudes e fontes de ensinamentos religiosos e morais.”. Entretanto, mesmo desempenhando um papel tão destacado, é importante ressaltar que da mesma forma que o original em grego, tanto o *Fisiólogo* em Antigo Inglês quanto qualquer outra obra classificada como um bestiário não devem ser tomados como uma referência para estudos de zoologia, já que as fontes para a construção dos textos não são derivadas de fatos e experimentos científicos, mas sim de características explicitamente empíricas e puro conhecimento passado através de gerações. Além disso, o objetivo de um bestiário não era transmitir um conhecimento racional sobre o mundo, mas sim revelar as intenções de Deus para com o homem e mostrar como agir diante de diversas situações que pudessem aparecer durante a vida, revelando uma verdade espiritual de ordem cristã. Os bestiários configuram-se como textos importantes, pois atuavam como um reflexo direto do trabalho de Deus, com suas obras reproduzidas na Terra com motivos específicos. Como anteriormente mencionado, serviam como base de ensinamentos alegórico-religiosos e foram





muito utilizados em sermões, porém a grande maioria do seu público receptor não era letrada. Além disso, segundo Varandas (2006, p. 1), também deve-se levar em consideração o fato de que a utilização dos bestiários era mais frequente em mosteiros, e tais textos eram destinados à instrução de noviços e conversos, servindo como uma espécie de manual de estudos.

Por esse motivo, os livros e códices – embora apenas de circulação restrita quase que exclusiva ao clero - eram acompanhados de figuras, muitas vezes simples, para uma melhor compreensão e exemplificação do ensinamento passado. Com isso, a mensagem era associada à devida figura do animal, para que, assim, os ensinamentos fossem lembrados todas as vezes em que se avistasse o animal relacionado.

Apesar de ser um gênero tradicional, não se pode dizer que os bestiários permaneceram sempre com a mesma caracterização dos seus personagens principais ao longo dos séculos. Mudanças ocasionadas tanto pela tradução, na qual as palavras fácil e naturalmente se perdem no processo, quanto em relação às morais, que se modificam e se adaptam aos novos públicos e novas épocas, são evidentes e demonstram a dinâmica dessa tipologia textual (PUGAR, 2015, p. 7). Ao longo dos séculos, alguns aspectos, como a moralização, deixaram de existir (HASSIG, 1995, p. 173), e surgiram outras formas de bestiários, como os bestiários românicos, por exemplo.

Pelo exposto, pode-se dizer que os bestiários se tornaram um instrumento de imensa popularidade, sendo talvez apenas comparados à Bíblia em si. (VARANDAS, 2006, p. 16). Ainda nas palavras de Varandas, o bestiário passa a ser caracterizado como “um texto híbrido, revelando-se, ao mesmo tempo, como livro naturalista, livro maravilhoso, livro de estudo, livro mnemônico, livro exegetico, livro didático e livro alegórico.” (2006, p. 22). Em outras palavras, ao conhecer aquilo que estava à sua volta – a natureza – os homens estariam entrando em contato com Aquele que a criou, acessando o conhecimento do espiritual através do material. A natureza passaria a ser considerada uma ferramenta de meditação filosófica, presente nas fábulas desde os tempos remotos - por exemplo, as fábulas de Fedro são imbuídas da filosofia cínica, que busca uma integração com a natureza -, já que providencia todo o necessário para o homem tentar alcançar a perfeição de sua alma. Dessa forma, os bestiários poderiam ser considerados como uma nova forma de ler/apresentar as ideias da Bíblia (VARANDAS, 2006, p. 22). Ao ser um livro que contém escrituras sobre o mundo natural, cada criatura e coisa que nele habita também se torna um livro, ou ainda, um capítulo do Livro da Natureza. Tal uso fica ainda mais forte com o uso das imagens que, algumas vezes, acompanham os textos, surgindo como uma espécie de outra forma de leitura, ajudando na formação de novos monges e “proporcionando aos que não sabiam ler as palavras registradas pela escrita, uma compreensão igualmente eficaz e viva das histórias bíblicas, constituindo-se como a literatura dos laicos.” (VARANDAS, 2006, p. 24). Dessa forma, a junção texto e imagem transforma-se numa estrutura que carrega uma pluralidade de símbolos, leituras e interpretações, cabendo somente àquele que está por trás da estrutura, ou seja, ao leitor, empregar as metáforas e simbologias de acordo com o contexto em que estiver inserido e com sua percepção da importância ou não de veicular aquela mensagem.





A versão em antigo inglês

Como recapitulação, o manuscrito original em grego d'O Fisiólogo perdeu-se no tempo. Todavia, graças às traduções feitas para uma grande variedade de línguas, como o Latim e o Antigo Inglês, por exemplo, é possível saber mais sobre tal obra. Neste trabalho, entretanto focar-se-á apenas no manuscrito em latim, discutido acima, e em sua tradução para o Antigo Inglês.

Grande parte do conhecimento moderno acerca do Antigo Inglês (doravante AI) foi adquirido graças aos estudos linguísticos e filológicos, predominantemente realizados a partir do século XIX e, já no período do Inglês Moderno, com as diversas comparações e estudos que puderam ser feitos com a ajuda de alguns documentos e obras literárias, como o poema épico Beowulf e o Cædmon's Hymn, um poema religioso cristão. Não são muitos os documentos existentes nesse primeiro estágio da língua inglesa, porém, apesar de tudo, a documentação restante permite-nos ter uma muito boa visão de sua gramática. É importante ter em mente que, mesmo estando de posse dos instrumentos necessários para a tentativa de reconstrução da língua e dispondo de um considerável histórico de estudos que puderam reconstituir parte significativa da gramática do AI, o acesso concedido a essa língua é extremamente limitado. Tudo o que se sabe não está nem perto do que um dia foi o AI.

Para um melhor entendimento da literatura em AI, é necessário saber que a Literatura Anglo-Saxã, fase inicial da antiga literatura inglesa, é uma literatura inspirada na tradição pagã, genuinamente nativa e de caráter fundamentalmente germânico, ou seja, compunha-se de documentos literários, cujos assuntos provêm da tradição e da história dos povos germânicos e revelam uma cultura ainda não influenciada pelo Cristianismo.

Tal literatura, porém, apresenta obras redigidas em estilo prosaico, como também textos em verso. Neste sentido, tais estilos, pertencentes ao que denominamos de literatura histórica, não sofrem qualquer tipo de influência cristã, transparecendo nelas apenas o antigo espírito germânico, descrevendo seu dia a dia e exaltando as terras em que viviam. Da mesma forma que em outras literaturas – como a literatura portuguesa e a literatura grega, por exemplo – a poesia surge primeiro que a prosa, por ser uma forma de arte anterior à escrita, e a mesma tinha como principais características o uso da aliteração e do que chamavam *kennings*. Para evitar o lugar-comum e manter o padrão aliterativo, na maioria das vezes eram criadas imagens e compostos que funcionassem como sinônimos. Era uma forma de escapar da repetição de uma palavra já utilizada e, além disso, tal recurso estilístico possibilitava expressar vários aspectos de um mesmo objeto ou fenômeno. Para Garcia Lopes (2004, p. 60), “Um *kenning* é, basicamente, uma metáfora. Podemos dizer que muitas vezes funcionavam como micro adivinhas: compostos verbais destinados a dar mais ênfase léxica e coesão visual ao que estava sendo recitado.”

Da mesma forma que na Grécia Antiga, na Inglaterra anglo-saxônica, acredita-se que os poemas eram transmitidos pela tradição oral, pelos chamados bardos. Todavia, é importante





mencionar que não há certeza de como ou se isso realmente aconteceu, sendo ainda um tópico inconcluso de muitos debates acadêmicos.

O Livro de Exeter e o *Fisiólogo* em antigo inglês

| 6

O Livro de Exeter, também conhecido como *Codex Exoniensis*, é a mais extensa coletânea de poesias em Antigo Inglês. Esse livro foi doado para a livraria da Catedral de Exeter pelo primeiro bispo de Exeter, Leofric, em 1072 e está localizado atualmente na Catedral de Exeter em Exeter, Londres, podendo ser acessado pelo nome *Exeter Cathedral Library MS 3501*. Não se pode dizer ao certo quando a obra foi compilada e escrita, porém as datas propostas situam-no em meados do século X.

Muito perdeu-se, mas atualmente a obra contém cerca de 36 textos, entre charadas, organizadas em diversas categorias e, em sua maioria, de duplo sentido, poemas e elegias, podendo essas ser classificadas como poemas de natureza meditativa, tratando de temas como exílio, destino, a efemeridade da vida, as relações entre os lordes e seus guerreiros, os poderes da natureza e de Deus, solidão, sabedoria e dor. O bestiário aqui retratado possui somente três entradas, diferentemente dos tratados acima. São três breves poemas alegóricos descritivos de animais que habitavam o mundo real: um animal terrestre, uma besta marinha e uma ave, respectivamente. Sendo parte da obra original contendo uma grande lista com vários tipos de animais, os três aqui citados podem ser encontrados nos capítulos 30, 31 e 32 da obra de Curley (1979), traduzidos como "Sobre a Pantera", "Sobre a Baleia" e "Sobre a Perdiz", respectivamente. Entretanto, o último deles chegou até nós de forma tão fragmentária, que partes do conteúdo do poema foram restauradas introduzindo trechos da Bíblia.

A sua estrutura como um todo, é curiosa, já que a maioria dos bestiários contém mais de 40 entradas de diversos animais e este possui somente três. O *Physiologus* em AI foi originalmente escrito em anglo-saxão (também chamado de *Englisc* ou Antigo Inglês), e foi traduzido para o inglês moderno por Albert Stanburrough Cook (tradução em texto e prosa) e James Hall Pitman (tradução em verso) no livro chamado *The Old English Physiologus*, no ano de 1921. As três histórias escritas na obra lidam com a pantera, a baleia e um pássaro normalmente associado à perdiz.

O primeiro episódio contém 74 versos no original em antigo inglês; o segundo contém 89 versos, sendo o maior dos três, e o terceiro contém apenas 16 versos, sendo incompleto. Cada um deles apresenta uma tradução em verso, situada ao lado da versão original em AI, e, logo abaixo, uma tradução em texto e prosa.





O Fisiólogo em antigo inglês: original e tradução

Entre as duas fontes do *Fisiólogo* em AI, cujas traduções para inglês moderno foram por nós utilizadas, em prosa e verso respectivamente, recorreremos à versão em prosa pela maior fidedignidade ao original e pelos comentários críticos. Todavia, devido ao caráter lacunar da versão em prosa do terceiro animal, *A Perdiz*, lançou-se mão dos dois textos, em prosa e verso, para a tentativa do estabelecimento do texto arquetípico e de uma tradução ao português mais fiel ao possível original. Quanto ao processo tradutório, procuramos permanecer fiéis ao sentido literal do texto, porém algumas modificações foram feitas, a fim de melhor adaptar o texto à sintaxe portuguesa.

17

A Pantera

1 *Monge sindon geond middangeard*
unrīmu cynn, [þāra] þe wē æpelu ne magon
ryhte āreccan nē rīm witan;
þæs wīde sind geond wor[u]l[d] innan
5 *fugla and dēora foldhrēndras,*
wornas widsceope, swā wæter bibūgeð
þisne beorhtan bōsm, brim grymetende,
sealtȳpa geswing. Wē bi sumum hȳrdon
wrætlīc[um] gecynd[e] wildra secgan,
10 *fīrum frēamærne, feorlondum on,*
eard weardian, ēðles nēotan,
æfter dūnsorafum. Is þæt dēor Pandher
bi noman hāten, þæs þe niþþa bear[n],
wīsfæste weras, on gewritum cȳþa[ð]
15 *bi þām ānstapan. Sē is æ[g]hwām frēond,*
duguða ēstig, būtan dracan ānum;
þām hē in ealle tīd andwrāð leofaþ,
þurh yfla gehwylc þe hē geæfnan mæg.
Ðæt is wrætlīc dēor, wundrum scȳne,
20 *hīwa gehwylces. Swā hæleð secgað,*
gæsthālge guman, þætte Iōsēphes
tunece wære telga gehwylces
blēom bregdende, þāra beorhtra gehwylc,





æghwæs ænlīcra, oþrum līxte
25 *dryhta bearnum, swā þæs dēores hīw,*
blāc, brigda gehwæs, beorhtra and scȳnra
wundrum līxeð, þætte wrætlicra
æghwylc oþrum, ænlīcra giēn
and fægerra, frætwum blīceð,
30 *symle sellīcra. Hē hafað sundorgecynd,*
milde, gemetfæst. Hē is monþwære,
lufsum and lēoftæl: nele lāþes wiht
æ[ng]um geæfnan būtan þām āttorsceaþan,
his fyrngeflitan, þe ic ær fore sægde.
35 *Symle, fylle fægen, þonne fōddor þigeð,*
æfter þām gereordum ræste sēceð,
dȳgle stōwe under dūnscrifum;
ðær se þeo[d]wiga þrēonihta fæc
swifeð on swe[o]fote, slāpe gebiesga[d].
40 *Þonne ellenrōf ūp āstondedð,*
þrymme gewelga[d], on þone þridan dæg,
snēome of slāpe. Swēghlēoþor cymeð,
wōþa wynsumast, þurh þæs wildres mūd;
æfter pære stefne stenc ūt cymeð
45 *of þām wongstede— wynsumra stēam,*
swēttra and swīþra, swæcca gehwylcum,
wyrta blōstmum and wudublēdum,
eallum æpelīcra eorþan frætw[um].
Þonne of ceastrum and cynestōlum
50 *and of burgsalum beornþrēat monig*
farað foldwegum folca þrȳþum;
ēoredcystum, ofestum gefȳsde,
dareðlācende — dēor [s]wā some —
æfter þære stefne on þone stenc farað.
55 *Swā is Dryhten God, drēama Rædend,*
eallum ēaðmēde oþrum gesceaftum,
duguða gehwylcre, būtan dracan ānum,
āttres ordfruman— þæt is se ealda fēond





*þone hē gesælde in sūsla grund,
60 and gefetrade fýrnum tēagum,
biþehte þrēanýdum; and þý þridan dæge
of dīgle ārās, þæs þe hē dēað fore ūs
þrēo niht þolade, Þēoden engla,
sigora Sellend. Þæt wæs swēte stenc,
65 wlitig and wynsum, geond woruld ealle.
Siþþan tō þām swicce sōðfæste men,
on healfa gehwone, hēapum þrungon
geond ealne ymbhwyrft eorþan scēat[a].
Swā se snottra gecwæð Sanctus Paulus:
70 ‘Monigfealde sind geond middangeard
gōd ungnýðe þe ūs tō giefe dæleð
and tō feorhnere Fæder ælmihtig,
and se ānga Hyht ealra gesceafta
uppe ge niþre.’ Þæt is æþele stenc.*

A Pantera

Muitas, ainda assim incontáveis, são as criaturas pelo mundo cuja natureza não se pode explicar corretamente e cuja grandeza não é possível reconhecer. Tão grandes quanto as revoadas de pássaros e animais que vagueiam pela terra sempre que a água, o oceano turbulento e a onda de sal crescente envolvem o seio sorridente da Terra.

Há rumores sobre um maravilhoso tipo de besta selvagem que habita, em terras distantes, um domínio muito conhecido entre os homens, alegrando-se em sua casa entre as cavernas da montanha. Essa besta é chamada de pantera, como aqueles que aprendem entre os filhos dos homens relatam em seus livros a respeito deste andarilho solitário.

Ele é um amigo, cheio de bondade para com todos exceto, somente, o dragão; com ele sempre vive em inimizade por todas as feridas que aquele pode causar.

É um animal atraente, maravilhosamente belo em todas suas cores. Assim como, de acordo com homens santos em espírito, a capa de José foi matizada com uma diversidade de cores e tons, cada uma delas brilhando diante dos olhos dos homens, cada uma mais brilhante e mais perfeita que a outra.

A cor desta besta também resplandecia com toda diversidade, cintilando em maravilhosa sabedoria, tão clara e bela que cada matiz é ainda mais encantador que a próxima, brilha mais encantadoramente em seu esplendor, mais rara, mais bela e mais





estranha.

Ele tem uma natureza própria, tão gentil e calma. Bom, gracioso e amigável, ele não pensa em fazer mal a ninguém, salvo o adversário maldoso, seu antigo inimigo de quem eu falei.

Quando, deliciando-se em um banquete, ele compartilhou alimentos, sempre no fim da refeição ele dirige-se ao seu lugar de descanso, um retiro escondido entre as cavernas da montanha; lá o campeão de sua raça, vencido pelo sono, retira-se para dormir por três dias. Então o destemido, revigorado, imediatamente acorda de seu sono quando o terceiro dia chega. Uma melodia, a mais arrebatadora das estirpes, flui da boca da besta selvagem; e, seguindo a música, surge uma fragrância do lugar – um hálito mais agradável, doce e forte que qualquer odor que já tenha florescido de plantas ou frutas da floresta, melhor do que qualquer coisa que reveste a Terra com beleza. Então, de cidades, cortes e corredores de castelo, muitos grupos de heróis migravam pelas estradas da Terra; os guerreiros avançavam em multidões velozes em direção a esse perfume – assim como os animais – quando a música cessou.

Mesmo assim o Senhor Deus, aquele que dá a felicidade, é bondoso com todas as criaturas, de todas as espécies, exceto somente o dragão, a fonte de veneno, o inimigo antigo que Ele aprisionou no abismo das tormentas; acorrentando-o a grilhões flamejantes, e carregando-o com restrições terríveis, ergueu-se da escuridão no terceiro dia depois que ele, o Senhor dos anjos, o Detentor da vitória, suportou por três dias a morte em nosso nome. Um doce perfume espalhou-se pelo mundo, atraente e hipnotizante.

A partir daí, através de todas as extensões das regiões da Terra, homens justos correram de todos os lados para esse perfume. Como disse o sábio São Paulo: ‘Muitas são as generosas benevolências que o Pai todo-poderoso, a Esperança de todas as criaturas, nos concede em graça e salvação’. Isso, também, é um doce perfume.

A Baleia

1 *Nū ic fitte gēn ymb fisca cynn*
wille wōðcræfte wordum cȳþan
þurh mōdgemynd, bi þām miclan hwale.
Sē bið unwillum oft gemēted,
5 frēcne and fer[h]ðgrim, fareðlācendum,
nipþa gehwylcum; þām is noma cenned,
fyr[ge]nstrēama geflotan, Fastitocalon





*Is þæs hīw gelīc hrēofum stāne,
swylce wōrie bi wædes ofre,
10 sondbeorgum ymbseald, sǣrýrica mǣst,
swā þæt wēnaþ wæglīþende
þæt hý on ēalond sum ēagum wlīten;
and þonne gehýd[i]að hēahstefn scipu
tō þām unlonde oncyrrāpum,
15 s[ǣ]laþ sǣmearas sundes æt ende,
and þonne in þæt ēglond ūp gewītað
collenfer[h]þe; cēolas stondað
bi staþe fæste strēame biwunden.
Ðonne gewīciað wērigfer[h]ðe,
20 faroðlācende, frēcnes ne wēnað.
On þām ēalonde āled weccað,
hēah fyr ālað. Hæleþ bēoþ on wynnum,
rēonigmōde, ræste gel[y]ste.
Þonne gefēleð fācnes cræftig
25 þæt him þā fērend on fæste wuniaþ,
wīc weardiað, wedres on luste,
ðonne semninga on sealtne wæg
mid þā nōþe niþer gewīteþ,
gārsecges gæst, grund gesēceð,
30 and þonne in dēaðsele drence bifæsteð
scipu mid scealcum. Swā bið scinn[en]a þēaw,
dēofla wīse, þæt hī droht[i]ende
þurh dyrne meht duguðe beswīcað,
and on teosu tyhtaþ tilra dāda,
35 wēmað on willan, þæt hý wraþe sēcen,
frōfre tō fēondum, oþþæt hy fæste ðær
æt þām wærlogan wīc gecēosað.
Þonne þæt gecnāweð of cwicsūsle
flāh fēond gemāh, þætte fīra gehwylc
40 hæleþa cynnes on his hringe biþ
fæste gefēged, hē him feorgbona,
þurh slīþen searo, siþþan weorþeð,*





wloncum and hēanum þe his willan hēr
fīrenum fremmað; mid þām hē fāringa,
45 heolophelme biþeaht, helle sēceð,
gōda gēasne, grundlēasne wylm
under mistglōme, swā se micla hwæl
se þe bisenceð sǣlþende
eorlas and yðmearas. Hē hafað oþre gecynd,
50 wæterþisa wlonc, wrætlicran gīen.
Þonne hine on holme hunger bysgað,
and þone āglæcan ætes lystþ,
ðonne se mereward mūð ontýneð,
wīde weleras; cymeð wynsum stenc
55 of his innoþe, þætte oþre þurh þone,
sǣfisca cynn, beswīcen weorðað.
Swimmað sundhwate þær se swēta stenc
ūt gewīt[e]ð. Hī þær in farað,
unware weorude, oþþæt se wīda ceaf
60 efylled bið; þonne fāringa
ymbe þā herehūþe hlemmeð tōgædre
grimme gōman. Swā biþ gumena gehwām
se þe oftost his unwærlice,
on þās lænan tīd, līf biscēawað:
65 lēteð hine beswīcan þurh swētne stenc,
lēasne willan, þæt hē biþ leahtrum fāh
wið Wuldorcýning. Him se āwyrgeðda ongēan
æfter hinsīþe helle ontýneð,
þām þe lēaslīce līces wynne
70 ofer ferh[ð]gereht fremedon on unræd.
Þonne se fēcna in þām fæstenne
gebrōht hafað, bealwes cræftig,
æt þām [ā]dwylme, þā þe him on cleofiað,
gyltum gehrodene, and ær georne his
75 in hira līfdagum lārum hýrdon,
þonne he þā grimman gōman bihlemmeð,
æfter feorhcwale, fæste tōgædre,





*helle hlinduru. Nāgon hwyrft nē swice,
ūtsīþ æfre, þā [þe] þær in cumað,
80 þon mā þe þā fiscas, faraðlācende,
of þæs hwæles fenge hweorfan mōtan.
Forþon is eallinga*

*.....
dryhtna Dryhtne, and ā dēoflum wiðsace
85 wordum and weorcum, þæt wē Wuldorcýning
gesēon mōton. Uton ā sibbe tō him,
on þās hwīlnan tīd, hālu sēcan,
þæt wē mid swā lēofne in lofe mōtan
tō wīdan feore wuldres nēotan.*

A Baleia (A ilha vivente)²

Agora irei revelar através da arte poética, e por meio de palavras e conhecimento, um poema sobre certo tipo de peixe, o grande monstro do mar que é frequentemente encontrado a contragosto, terrível e impiedoso para com marinheiros, de fato, para todos os humanos; esse nadador das correntes marinhas é conhecido como a Serpente Marinha.

Sua aparência é como uma pedra irregular, como se aparecesse de repente uma grande faixa de terra no oceano, com um gramado repleto de juncos envolto por dunas de areia, de modo que todos os marinheiros acreditem que estão olhando para alguma ilha, e atraquem seus barcos de proa alta com cabos naquela terra falsa, os desbravadores dos mares rapidamente efetuando suas tarefas na terra, e, corajosos de coração, sobem nessa ilha; as embarcações ficam na praia envoltas pelo curso d'água. Os marinheiros cansados de coração, então, montam seu acampamento, sem esperar qualquer perigo.

Na ilha, eles acendem o fogo, alimentando grandes chamas. Os lamentosos heróis, ansiosos pelo repouso, se enchem de alegria. Quando o conspirador astuto percebe que os marinheiros estão firmemente estabelecidos sobre ele para desfrutar de um clima bom,

² No original – *Fastitocalon*. Criatura mitológica marinha, comumente associada a uma grande baleia ou tartaruga marinha gigante. É sempre descrita como sendo gigantesca, e normalmente confundida com uma ilha, parecendo ser rochosa, com fendas e vales com árvores e folhagens, e com dunas de areia por toda a sua extensão. Também pode ser encontrada como *Aspidochelone*, palavra grega composta por *aspis*, significando “serpente” ou “escudo”, e *chelone*, significando “tartaruga”.





o convidado do oceano mergulha sem aviso prévio nas ondas salgadas com sua presa, e a arrasta para o fundo, submergindo assim navios e homens naquela morada da morte.

Da mesma forma agem os demônios, o costume dos maus: eles passam suas vidas iludindo homens através de poderes secretos, incitando o mal àqueles de boas ações, desencaminhando-os de acordo com suas vontades para que então busquem o apoio dos demônios, até que terminem fazendo sua morada final com o traidor. Quando, fora de sua tortura viva, o inimigo astuto e malicioso percebe que todos estão firmemente presos sob o seu domínio, ele prossegue e, por meio de seus esquemas malignos, se torna o matador do homem, seja ele rico ou pobre, aquele que pecaminosamente obedece a seus desejos; e, coberto por sua capa da escuridão, de repente, busca o inferno, de boas ações inexistentes, um abismo sem fundo envolto na obscuridade enevoadada – como aquele monstro que afunda os homens desbravadores do oceano e os navios.

Esse orgulhoso furador de ondas tem outro aspecto ainda mais maravilhoso. Quando a fome o importuna nas profundezas, e o monstro anseia por comida, o morador dos mares abre sua boca, e deixa seus lábios entreabertos; imediatamente surge um perfume agradável de suas entranhas, e através dele outros tipos de peixe são enganados. Eles nadam vivazes para a fonte da doce fragrância, e lá eles entram, um anfitrião negligente, até que sua enorme garganta esteja cheia; então, em um instante, ele fecha suas mandíbulas ferozes sobre o cardume, sua presa.

Assim é com todos aqueles que, nesses tempos fugazes, frequentemente se negam a prestar atenção na própria vida, e se permitem ser seduzidos pela doce fragrância, um desejo enganoso, para que assim se tornem hostis para o Rei da Glória por seus pecados. O Amaldiçoado abrirá as portas do inferno para os que morreram, aqueles que em um momento de insensatez, optaram pelos pérfidos prazeres do corpo, ao invés da sábia orientação da alma. Quando o traiçoeiro, astuto no malfazer, os trouxe ao seu refúgio, o lago de fogo, aqueles que se apegam a ele e estão cheios de culpa, assim como aqueles que obedientemente seguiram seus preceitos enquanto vivos, e ele então, após a morte daqueles, ferozmente fecha suas mandíbulas, os portões do inferno.

Aqueles que lá entram jamais terão alívio ou uma saída, jamais escaparão tampouco os peixes que nadam no mar podem escapar das garras do monstro.

Portanto é melhor para nós, por todos os meios, servir ao Senhor dos Senhores, e lutar contra os demônios através de palavras e ações, para que assim possamos encarar o Rei da Glória. Que busquemos sempre, nesses tempos efêmeros, por sua graça e salvação, para que assim possamos em adoração, juntamente com os Amados, desfrutar as bênçãos do Paraíso por toda a eternidade.





A Perdiz

1 *Hȳrde ic secgan gēn bi sumum fugle*

wundorlīcne.....

.....

.....

5

..... *fāger*

þæt word þe gecwæð wuldres Ealdor:

‘In swā hwylce tiid swā gē mid trēowe tō mē

on hyge hweorfað, and gē hellfirena

10 *sweartra geswīcað, swā ic symle tō ēow*

mid siblufan sōna gecyrre

þurh milde mōd; gē bēoð mē sibþan

torhte, tīrēadge, talade and rīmde,

beorhte gebrōþor on bearna stæġ.’

15 *Uton wē þȳ geornor Gode ðliccan,*

firene fēogan, friþes earnian,

duguðe tō Dryhtne, þenden ūs dæg scīne,

þæt swā æþelne eardwīca cyst

in wuldres wlite wunian mōtan.

20 *Finit.*

A Perdiz (reconstituição)

Sobre outra criatura eu ouvi um maravilhoso conto. Há um pássaro que os homens chamam de perdiz. Ela é estranha, ao contrário de outras aves que em campos ou bosques chocam seus ovos, sua prole. A perdiz não põe ovos, tampouco constrói uma morada; ao invés disso, ela rouba os ninhos bem-feitos de outras aves. Ali ela se senta, aquecendo ninhadas estranhas, até que, enfim, os ovos sejam chocados. Mas quando os filhotes roubados ganham suas penas, eles imediatamente partem para procurar sua própria espécie, e ali abandonam a perdiz. Da mesma sagacidade usa o demônio para roubar as almas daqueles cujas mentes imaturas ou corações insensatos, em vão, resistem às suas artimanhas. Porém, quando atingem a maturidade, veem que são os verdadeiros filhos do Senhor dos senhores. Nesse tempo, eles abandonam o demônio mentiroso, e procuram seu legítimo Pai, que com braços abertos os acolhe, como há muito os prometeu.





Justas são as palavras ditas pelo Senhor da glória: ‘No momento em que vós voltardes vossos corações crentes a mim, e descartardes vossos pecados infernais, abomináveis para mim, eu me voltarei para você com amor para a eternidade, pois meu coração é compassivo e benevolente. A partir daí deveis ser resplandecentes, gloriosos, envoltos pelas hostes celestiais, e, ao invés de crianças, deveis ser chamados de Esplendorosos irmãos do Senhor.’

Que através disto possamos ser ensinados a melhor agradar a Deus, repudiar pecados e empenhar-nos para merecer a salvação do Senhor, Sua plena libertação, tão longa como o dia que deve brilhar sobre nós, que nós possamos por fim habitar as gloriosamente brilhantes moradas celestes, infinitamente mais magnânimas que as mundanas. Fim.

Conclusão

Como dito anteriormente, o *Physiologus* em AI é composto por poemas que comparam características dos animais à vida humana para que assim, através da religião, houvesse uma melhor difusão e solidificação das mensagens cristãs. Grandes são as semelhanças entre o *Physiologus* Original e o redigido em AI. Entre elas podemos destacar as descrições dos animais como meio pedagógico-alegórico de cristianização, utilizando-se, na maioria das vezes, de imagens para uma melhor exemplificação, já que pouquíssimos - quase todos do clero - sabiam ler e escrever. Contudo, as diferenças são mais interessantes. Enquanto no PO, aparentemente, não há nenhuma conexão entre as descrições dos animais, no *Physiologus* em AI, uma conexão entre os três poemas pode ser estabelecida.

Sobre o primeiro animal, a Pantera, é possível perceber uma grande riqueza de detalhes ao se descrever a criatura:

“Ele tem uma natureza própria, tão gentil e calma. Bom, gracioso e amigável, ele não pensa em fazer mal a ninguém, salvo o adversário maldoso, seu antigo inimigo de quem eu falei.”

Uma pantera é discreta, silenciosa e graciosa em cada movimento. Solitária por opção própria, porém sempre atenta a tudo que está à sua volta, sempre ouvindo, porém, pouco rugindo, tornando-a uma exímia caçadora.

Algumas das mesmas características são atribuídas a Cristo: gentileza, graciosidade nos gestos, atenção a tudo e a todos. Está sempre disposto a ajudar e a perpetuar os ensinamentos de





Deus sobre o amor ao próximo. A Pantera representa alegoricamente³ a Cristo no sentido de que seus ensinamentos atraem muitas pessoas a ele. Outro trecho interessante, que também pode ser associado a uma parte da vida de Cristo está presente no sétimo parágrafo:

“Quando, deliciando-se em um banquete, ele compartilhou alimentos, sempre no fim da refeição ele dirige-se ao seu lugar de descanso, um retiro escondido entre as cavernas da montanha; lá o campeão de sua raça, vencido pelo sono, retira-se para dormir por três dias.”

| 17

Esse trecho claramente se refere à Última Ceia, onde Cristo dividiu sua última refeição com seus apóstolos antes de sua crucificação, como se pode notar na seguinte passagem bíblica:

“Durante a refeição, Jesus tomou o pão e, depois de o benzer, partiu-o e deu-lho, dizendo: “Tomai, isto é o meu corpo.”. Em seguida, tomou o cálice, de graças e apresentou-lho, e todos dele beberam. E disse-lhes: “Isto é o meu sangue, o sangue da aliança, que é derramado por muitos. Em verdade vos digo: já não beberei do fruto da videira, até aquele dia em que o beberei de novo no Reino de Deus”.” (Marcos 14:22-25)

Da mesma forma há a partilha dos alimentos e também há uma menção à ressurreição. O poema ainda vai além, dizendo: “[...] o campeão de sua raça, vencido pelo sono, retira-se para dormir por três dias. Então o destemido, revigorado, imediatamente acorda de seu sono quando o terceiro dia chega.”.

Esse trecho do poema é uma visível alusão à morte e ressurreição de Cristo, já que foi dito que após a sua morte na cruz, Ele iria ressuscitar no terceiro dia para, enfim, subir aos céus. Em seguida, no poema, há a menção ao seguinte fato:

“Então o destemido, revigorado, imediatamente acorda de seu sono quando o terceiro dia chega. Uma melodia, a mais arrebatadora das stirpes, flui da boca da besta selvagem; e, seguindo a música, surge uma fragrância do lugar – um hálito mais agradável, doce e forte que qualquer odor que já tenha florescido de plantas ou frutas da floresta, melhor do que qualquer coisa que reveste a Terra com beleza.”

Esse trecho pode ser uma alusão às instruções dadas por Jesus aos apóstolos, dizendo para não deixarem Jerusalém antes do batismo pelo Espírito Santo. Podemos ver essa passagem no seguinte trecho bíblico:

“E comendo com eles, ordenou-lhes que não se afastassem de Jerusalém, mas que esperassem aí o cumprimento da promessa de seu

³ De acordo com o **Dicionário Aurélio** (2008, p. 70): “Exposição dum pensamento sob forma figurada; Ficção que representa uma coisa para dar a ideia de outra; Obra artística que representa uma ideia abstrata mediante formas que a tornam compreensível.”





Pai, “que ouvistes, disse ele, da minha boca; porque João batizou na água, mas vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias”.
(Atos dos Apóstolos,1:4-5)

Além disso, os dois últimos parágrafos do poema introduzem a analogia de Cristo à Pantera. Ambos podem ser tomados como uma moral, a doutrina dos ensinamentos de Cristo, sobre como Ele se sacrificou pela humanidade e como a humanidade deve agradecer a ele por todas as graças e salvasões concedidas.

O segundo poema refere-se à Baleia e de acordo também com nossa leitura, uma alusão ao Mal também. Logo no primeiro parágrafo menciona-se a existência de uma criatura conhecida como a Serpente Marinha, como se pode ver no seguinte trecho: “[...] esse nadador das correntes marinhas é conhecido como a Serpente Marinha.”.

Tal criatura representa um mal terrível, é impiedosa, cruel, traiçoeira, e pode ser facilmente associada à serpente que tentou Eva no Paraíso ou a um dragão serpentiforme das culturas pagãs ocidentais. A própria descrição da criatura pelo autor do poema diz que a criatura parece ser uma coisa, mas é outra completamente diferente. Ela se disfarça para conseguir realizar os seus propósitos, como se evidencia na descrição a seguir:

“Sua aparência é como uma pedra irregular, como se aparecesse de repente uma grande faixa de terra no oceano, com um gramado repleto de juncos envolto por dunas de areia, de modo que todos os marinheiros acreditem que estão olhando para alguma ilha, e atraquem seus barcos de proa alta com cabos naquela terra falsa [...]”.

Já o trecho seguinte, é o da Bíblia, localizado em Gênesis 3:1, caracterizando a serpente com o mesmo caráter da Baleia: “A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o Senhor Deus tinha formado. [...]”. Nota-se que nos dois casos as verdadeiras intenções das criaturas são disfarçadas por algo melhor e mais bonito. Na primeira, uma ilha pacífica, o paraíso para qualquer viajante fatigado, e na segunda, um animal aparentemente indefeso, porém astuto e falso. A moral presente nesse poema, em específico, trata das diversas tentações presentes na jornada terrena, de como o Mal irá utilizar diversas ferramentas para ludibriar aqueles que não têm fé, que não acreditam em Deus. Através dos desejos e das luxúrias, o Mal agirá para desencaminhar os homens do caminho do bem.

Outra característica muito interessante é a descrição do hálito da Baleia. Enquanto a Pantera é descrita como tendo um hálito doce, aprazível e refrescante, a Baleia exala um hálito descrito como horrível. Esse odor é usado para atrair os peixes para a boca da criatura e, assim, servir como alimento, e aqueles que lá adentram jamais sairão. Da mesma forma se diz com relação aos portões do Inferno. Uma vez lá dentro, as almas descuidadas estarão presas para sempre, podendo perder, de vez, as esperanças.





O último poema, A Perdiz, é o menor de todos, porém, não menos importante. O autor descreve um pássaro que rouba os ovos de outras aves e os choca como se fossem dela. Pode-se ver isso no seguinte trecho:

“A perdiz não põe ovos, tampouco constrói uma morada; ao invés disso, ela rouba os ninhos bem-feitos de outras aves. Ali ela senta, aquecendo ninhadas estranhas, até que, enfim, os ovos sejam chocados. Mas quando os filhotes roubados ganham suas penas, eles imediatamente partem para procurar sua própria espécie, e ali abandonam a perdiz.”

| 19

Neste trecho, além de descrever a criatura, o autor também diz que assim que os filhotes atingem uma certa idade, eles reconhecem o chamado da verdadeira mãe e, nesse momento, abandonam a perdiz. No poema, a criatura assume uma característica ruim e, por isso, pode ser relacionada ao Mal, como o próprio poema diz:

“Da mesma sagacidade usa o demônio para roubar as almas daqueles cujas mentes imaturas ou corações insensatos, em vão, resistem às suas artimanhas. Porém, quando atingem a maturidade, veem que são os verdadeiros filhos do Senhor dos senhores.”

Em outras palavras, a ave age através de artimanhas como o Mal, que tenta as almas humanas para desviá-las do caminho correto e, assim, trazê-las para o lado ruim. Contudo, aqueles que reconhecem e admitem seus erros, mostram-se arrependidos de tudo e, finalmente, atendem ao chamado de Deus, reconhecendo-o como seu único Senhor, serão bem-vindos de volta aos braços do Pai.

Após os comentários dos três poemas, conclui-se que o Physiologus se prestava, na época, a uma finalidade cristianizadora, ensinando os caminhos e as maneiras tidas como corretas naquele período. Para tanto, o seu autor conhecia o original clássico e associava as características naturais dos animais aos exemplos moralizantes de cunho cristão que tencionava passar aos leitores. Acima de tudo, esse livro pode ser interpretado não só como sendo parte de um sermão, mas como uma fonte provedora de fé, ao dizer que apesar dos sofrimentos, a pessoa que fosse moralmente correta e seguisse as regras de Deus teria conforto e paz eternas, coisas naquela época extremamente difíceis de se vivenciar para a maioria.

O presente artigo teve como principal objetivo apresentar, de forma breve, algumas características dos três animais presentes no bestiário, mais especificamente daquele em Antigo Inglês que, juntamente com outras obras, constitui o Livro de Exeter, e suas representações no contexto cristão.

Durante toda a História, a fé teve um papel primordial na construção/destruição de civilizações, e na Idade Média não foi diferente. Apesar de ser chamado, equivocadamente, de Idade das Trevas, tal período foi de fato vital para o florescimento da fé cristã. Pelo exposto, é possível notar o quão importante foi este bestiário para a doutrinação dos cristãos. O uso de





criaturas comuns não só na vida diária, mas também muito presentes através de lendas e da mitologia trouxe algo primordial na vida de qualquer um que está aprendendo alguma coisa: contextualização.

Ao trazer os preceitos de Deus para a realidade daqueles que viviam naquela época, mesmo que tal contextualização não se adeque aos parâmetros científicos da contemporaneidade, todas as regras impostas para o benefício da Igreja – enquanto Instituição – estavam justificadas e provadas, oferecendo recursos suficientes para a crença de que a Igreja era de fato aquela que falava por Deus e usava os animais como metáfora de suas ações contra o inimigo comum.

Referências

Bíblia Sagrada. São Paulo: Paulinas, 2005.

Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. 2 ed. Positivo, 2008.

FEDERLIN, B. **The Origin and Intention of Medieval Bestiaries: A critical examination and analysis focusing on alleged scientific merit.** 2014. Disponível em: <http://bir.brandeis.edu/bitstream/handle/10192/27051/FederlinThesis2014.pdf?sequence=1>. Acesso em: 25 de outubro de 2019.

HASSIG, D. **Medieval Bestiaries. Text, Image, Ideology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

O Navegante. Tradução de Rodrigo Garcia Lopes. Rio de Janeiro: Lamparina, 2004.

Physiologus: A Medieval Book of Nature Lore. Translated by Michael J. Curley. Chicago: University of Chicago Press, 1979.

POUZANOV, G. **The Unity of ‘Panther’, ‘Whale’, and ‘Partridge’ in the Anglo-Saxon *Physiologus*.** Disponível em: https://www.academia.edu/6551042/The_Unity_of_Panther_Whale_and_Partridge_in_the_Anglo-Saxon_Physiologus. Acesso em: 15 de novembro de 2019.

PUGAR, P. **Iconographies of Bestiaries in C.S. Lewis’ *The Chronicles of Narnia*.** 2016. Disponível em: <http://darhiv.ffzg.unizg.hr/id/eprint/7402/1/Iconographies%20of%20bestiaries%20in%20>





0C.%20S.% 20Lewis'%20The%20Chronicles%20of%20Narnia.pdf. Acesso em: 20 de outubro de 2019.

ROSENTHAL, J. E. **Three Drawings in na Anglo-Saxon Pontifical: Anthropomorphic Trinity or Threefold Christ?** Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3050163?seq=1>. Acesso em 12 de dezembro de 2019.

| 21

ROWLAND, B. The Art of Memory and the Bestiary. In: **Beasts and Birds of the Middle Ages**. Eds. Willene B. Clark e Meradith T. McMunn. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1989.

SALISBURY, J. E. **The Beast Within: Animals in the Middle Ages**. New York: Routledge, 2011. SAX, B. **The Mythical Zoo: An Encyclopedia of Animals in World Myth, Legend, and Literature**. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2001.

The Old English Physiologus. Translated by A. S. Cook & J. H. Pitman. London: Oxford University Press, /s.d./.

VAN WOENSEL, M. **Simbolismo Animal Medieval: Os Bestiários**. João Pessoa: Editora Universitária, 2001.

AZEVEDO, B. J. O. R. **A representação dos animais como ideais comportamentais – um estudo comparativo do *Fisiólogo* na Tardoantiguidade e na Alta Idade Média**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2020. Dissertação de Mestrado.

AZEVEDO, B. J. O. R. **O Physiologus em Antigo Inglês no livro de Exeter: o simbolismo cristão em uma pequena análise histórico-linguístico-literária**. Rio de Janeiro: UFRJ, Faculdade de Letras, 2016. Monografia de final de curso.

BOUWHUYZEN, M. **The People's Bestiary: Textual and Visual Transformations of the Bestiary Through Different Socioeconomic Classes**. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/43502130.pdf>>. Acesso em: 20 de outubro de 2019.





BRAGANÇA JÚNIOR, A. A. **A Cultura Clássica e a Educação no Medievo Germânico – Aspectos Paremiológicos.** Disponível em: <http://www.hottopos.com/notand18/cultclass.pdf>. Acesso em: 20 de setembro de 2019.

VARANDAS, A. A Idade Média e o Bestiário. In: **III Seminário Aberto 2006**, 2006, Lisboa. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/4060205.pdf>. Acesso em 21 de novembro de 2019.

VARANDAS, A. O Bestiário: Um Gênero Medieval. In: **Bestiário Medieval: Perspectivas de Abordagens.** Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, 2014.

